



QUANDO A FALA DOS ALUNOS AGREGA O CAMINHO: REGÊNCIA, PESQUISA E RENOVAÇÃO PARA A DOCÊNCIA NO ENSINO FUNDAMENTAL

Laura Fonseca Maia Tassi

Universidade Estadual de Montes Claros- Unimontes

E-mail: laura.tassi@educacao.mg.gov.br

Jheniffer Veloso de Souza

Universidade Estadual de Montes Claros- Unimontes

jheniffervelosodesouza@gmail.com

Eixo: Saberes e práticas educativas

Palavras-chave: Regência, ensino fundamental, estágio supervisionado

Relato de Experiência

Contextualização e Justificativa da Prática Desenvolvida

A experiência foi realizada no espaço da Escola Estadual Antônio Canela, instituição pública da rede estadual de ensino, localizada em uma região periférica, com perfil socioeconômico diversificado, na qual atende estudantes de realidades e contextos familiares em sua maioria marginalizadas e de baixa renda. A instituição de ensino tem como missão promover uma educação de qualidade, voltada para a formação integral, cidadã e crítica dos alunos, alinhada às diretrizes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e aos princípios da educação pública, gratuita e de qualidade.

A etapa de regência de classe, é um componente obrigatório do Estágio Supervisionado do curso de Letras – Português, momento fundamental onde ocorre uma aproximação entre a formação teórica universitária e a realidade concreta da sala de aula. Neste sentido, com a orientação e acompanhamento da professora Laura Tassi, docente experiente e referência na instituição, foram desenvolvidas as atividades pela acadêmica Jheniffer do 6º período, com as turmas dos 9º anos, que juntas possuem 28 alunos, na faixa etária entre 13 e 15 anos, sendo este o período final do Ensino Fundamental, em que é marcado por profundas transformações para os estudantes, seja no desenvolvimento cognitivo, emocional ou social. Ao iniciar as atividades de regência, nota-se desafios recorrentes, também apontados pela professora orientadora: uma pequena parcela dos alunos apresentava desinteresse, distração, participação baixa e dificuldades em se envolver com os conteúdos trabalhados. Nesse cenário que surgiu a necessidade e a justificativa central desta prática: compreender, a partir da voz dos próprios estudantes, quais elementos das aulas contribuem para o seu engajamento ou para o seu afastamento, visto que a sala de aula é um ambiente não só de aprendizado, mas também de interação entre professor e alunos.

Justifico essa escolha com base na compreensão de que o ensino não se trata apenas da teoria, mas sobre quem são os alunos, o que pensam, o que sentem e o que esperam da escola, ou seja, os problemas da prática profissional docente não são meramente instrumentais, mas comportam situações que requerem decisões em um terreno de grande complexidade (PIMENTA; LIMA, 2017, p. 55-56).



Segundo as autoras, é possível planejar práticas pedagógicas relevantes, no entanto devemos conhecer a realidade, as necessidades e os desejos do público com quem trabalhamos. Sob essa análise, a pesquisa com os alunos, juntamente com o planejamento, ao utilizarmos seus resultados, é possível alcançar caminhos essenciais para transformar a realidade observada, além de romper com práticas que não atendem mais às demandas atuais da educação, construindo um ambiente de aprendizagem mais dialógico, participativo e motivador.

Problema Norteador e Objetivos

Quais elementos e características das aulas podem contribuir para a motivação ou para a desmotivação dos alunos do 9º ano? Essa questão surgiu da inquietação em entender o que realmente se passa na perspectiva do aluno, superando visões apenas externas ou pré-concebidas, e de encontrar respostas concretas para os desafios de engajamento observados em sala de aula.

Objetivos

Objetivo Geral

Investigar os fatores de motivação e desmotivação na visão dos alunos do 9º ano da Escola Estadual Antônio Canela, desenvolver práticas de regência alinhadas aos resultados obtidos, tornar as aulas mais participativas, dinâmicas e significativas.

Objetivos Específicos

- Analisar os dados coletados, identificando tendências, preferências e demandas dos estudantes em relação ao processo de ensino e aprendizagem.
- Planejar e executar atividades didáticas para a regência que contemplem as preferências apontadas pelos alunos, romper com práticas que se mostraram desmotivadoras.
- Promover a participação ativa, o diálogo, o trabalho coletivo e o uso de diferentes recursos e linguagens em sala de aula.

Procedimentos e Estratégias Metodológicas

A metodologia utilizada nesta pesquisa foi desenvolvida por meio de uma abordagem qualitativa e quantitativa, de caráter exploratório e aplicado, organizado em três etapas principais, todas construídas em diálogo constante com a professora orientadora Laura Tassi, onde ocorreu a elaboração e aplicação da pesquisa. Inicialmente, elaboramos um questionário simples, com perguntas abertas, aplicado aos 28 alunos de forma voluntária e com garantia de anonimato, para assegurar respostas sinceras. O instrumento foi composto por duas questões centrais:

1. “O que mais te desmotiva nas aulas: quais formas de ensino fazem você perder o interesse ou não querer participar?”
2. “Quais tipos de aulas, atividades ou recursos te motivariam mais a gostar de aprender e participar mais nas aulas?”

Os dados obtidos foram organizados e analisados, revelando índices expressivos:



- Sobre o que desmotiva: 60% das respostas apontaram como principal fator aulas onde só o professor fala, sem espaço para participação, diálogo ou atividades práticas. Outras menções foram aulas repetitivas, conteúdos distantes da realidade e excesso de cópias;
- Sobre o que motiva: 40% disseram aulas dinâmicas e criativas, com jogos educativos;
- Sobre o que motiva: 20% disseram aulas que foquem no futuro;
- Sobre o que motiva: 15% indicaram rodas de conversa, debates e momentos de leitura compartilhada no pátio;
- Sobre o que motiva: 20% disseram que aulas onde a explicação fosse mais resumida e de forma clara.

Planejamento das aulas de regência

Com base nos resultados, elaboramos o planejamento das atividades, tendo como eixo central atender às demandas apresentadas pelos alunos, sem perder de vista os conteúdos curriculares previstos para o 9º ano, no caso, seguindo a linha de raciocínio de Vygotsky (1998) na qual o resultado da pesquisa se alinha ao Construtivismo e Pragmatismo de Dewey (1959), onde ele defende que o aluno aprende fazendo, interagindo e criando. Ainda sob essa análise baseada no Racionalismo, valorizando a lógica, clareza e organização de ensino. Além da aula expositiva acrescentamos metodologias ativas e dialógicas, organizamos momentos de roda de conversa e leitura, para atender a demanda de todos os alunos, não esquecendo das aulas dinâmicas.

Execução e acompanhamento

Foram desenvolvidas 12 aulas de 50 minutos cada, nas quais observamos e mediamos o comportamento de cada estudante. Notamos que as intervenções contribuíram para que os mesmos participassem mais e socializassem dentro e fora da sala o aprofundamento de conteúdos e relações interpessoais que, ao final, foi de grande relevância para as turmas.

Fundamentação Teórica que Sustentou a Prática

A prática desenvolvida está alicerçada em referenciais teóricos que defendem uma educação centrada no aluno, no diálogo e na construção coletiva do conhecimento. Primeiramente, apoiando em Paulo Freire, para quem ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção. Para esse autor, a educação dialógica é a única capaz de promover a verdadeira aprendizagem: “Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino” (1996). Freire defende que o ponto de partida do ensino deve ser a realidade do educando, suas experiências e seus saberes. Essa ideia foi central na prática: ao pesquisar o que pensam e sentem os alunos, partimos da sua realidade para construir o ensino, rompendo com a chamada “educação bancária”, onde o professor é o detentor do saber e o aluno apenas um receptor — modelo que, conforme os dados, é justamente o principal fator de desmotivação.

Também tomo como base os estudos de Lev Vygotsky, que destaca a importância da interação social e da mediação no processo de aprendizagem. Para ele, o aprendizado é uma construção social, que acontece na relação entre o sujeito e o meio, e na troca com os outros. Isso justifica a escolha por atividades coletivas, rodas de conversa e trabalhos em grupo: são



espaços onde a interação favorece o desenvolvimento cognitivo e a motivação, ao mesmo tempo que valoriza a troca entre os pares.

Outro ponto foi a fundamentação nos princípios da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que para o Ensino Fundamental defende o desenvolvimento de competências que vão além da simples transmissão de conteúdo, como: autonomia, pensamento crítico, capacidade de se expressar, trabalhar em equipe e utilizar diferentes linguagens e tecnologias. A BNCC reforça que as práticas pedagógicas devem ser significativas, contextualizadas e adequadas à faixa etária e à realidade dos alunos. Por fim, as ideias de Garrido Pimenta e Lucena Lima (2017) que afirmam que para a identidade do professor ser construída é necessário todo um processo, sendo esse duplo e de reelaboração constante dos saberes e práticas.

Resultados da Prática

Os resultados obtidos foram muito significativos, tanto do ponto de vista quantitativo quanto qualitativo, e confirmaram a importância da estratégia adotada. Houve uma mudança perceptível na postura da turma. Se nos primeiros dias de observação a participação girava em torno de 20% a 30% da turma, durante as aulas planejadas a participação chegou a cerca de 90% dos alunos. Os estudantes chegaram mais animados, perguntaram, debateram, ajudaram os colegas e demonstraram envolvimento real com os conteúdos. As rodas de conversa e leitura: atenderam aos que preferiam essa dinâmica, mas também atraíram outros alunos que inicialmente não tinham citado essa opção

Aulas dinâmicas e trabalhos em grupo: foi a atividade melhor executada, correspondendo à preferência dos 40% da turma e aos demais. Os alunos demonstraram grande satisfação em “fazer coisas diferentes”, em trabalhar com os colegas e em aprender de forma prática. O jogo de perguntas e respostas sobre textos jornalísticos, foi apontado por eles como o melhor momento de aprendizagem. A prática me proporcionou amadurecimento profissional, compreensão real do que é ser professor e confirmação de que ouvir o aluno não é perder autoridade, mas sim construir uma relação de confiança e respeito que torna o ensino possível.

Relevância Social da Experiência e Relação com o Eixo Temático do COPED

Essa experiência é de grande relevância social, pois foca em um dos maiores desafios da educação pública, a evasão e o desinteresse no sentido escolar para muitos jovens. Ao demonstrar a possibilidade de transformar a realidade dos estudantes, apenas ouvindo os alunos e adaptando as práticas de ensino. Ademais para os alunos envolvidos, a relevância foi imediata: eles se sentiram vistos e ouvidos, o que demonstra respeito pelos mesmos, no qual compreenderam que a escola tem seu valor e valoriza suas opiniões. Dito isto, esta ação contribui diretamente na formação cidadã, ao desenvolver a capacidade de se expressar, participar, debater e construir coletivamente competências fundamentais para a sociedade.

Ademais o trabalho está totalmente alinhado aos princípios e eixos estruturantes do COPED (Conselho de Política Educacional e Desenvolvimento), especialmente no que se refere à valorização do protagonismo estudantil, à gestão democrática, à qualidade social da educação e à formação continuada e reflexiva dos educadores.

O COPED defende que a escola deve ser um espaço democrático, onde todos têm voz, e que a qualidade da educação está ligada diretamente à capacidade de atender às necessidades dos educandos. Ao tomar a voz do aluno como ponto de partida, ao envolver a comunidade escolar e ao refletir criticamente sobre a prática docente, esta experiência concretiza esses



princípios. Além disso, ao articular teoria e prática, contribui para a formação de um profissional reflexivo, capaz de atuar com autonomia, criticidade e compromisso social — perfil defendido nas diretrizes do conselho para a educação básica e superior.

Considerações Finais

Para concluir a experiência de regência na Escola Estadual Antônio Canela, acompanhada pela professora Laura Tassi, foi muito mais do que uma etapa obrigatória do curso: foi um aprendizado profundo sobre o que é ensinar e aprender. Neste sentido, ponto central que ficou claro ao longo de todo o processo, em que a motivação do aluno não depende do estudante somente, mas das condições em que a escola e o professor oferecem, além da oportunidade de participar como peça fundamental da educação.

Os dados obtidos, organizados e analisados, revelaram índices expressivos: onde o que desmotiva, neste caso 60% das respostas apontaram como principal fator aulas onde só o professor fala, sem espaço para participação, diálogo ou atividades práticas, foram ajustadas, obtendo uma melhor participação dentro da sala de aula. Outras menções como aulas repetitivas, conteúdos distantes da realidade e excesso de cópias. Também foram ajustados, em segunda análise, os 40% sobre aulas dinâmicas e criativas, com jogos educacionais, os 20% com aulas que foquem no futuro, os 15% sobre rodas de conversa, debates e momentos de leitura compartilhada no pátio e os 20% com aulas onde a explicação fosse mais resumida e de forma clara, ao adaptar os planos de aula, obtivemos melhor participação, alunos interessados e mais ativos, com melhor produção dentro da sala de aula.

Referências:

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília: MEC, 2018.

DEWEY, John. **Democracia e educação**. São Paulo: Nacional, 1959.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2017. p. 55-56.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação social da mente**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.